

ENTRE RASGOS E ENGASGOS, NO TRILHAR DA PEDAGOGIA

JULIA PEDRONI; NILDA STECANELA; ANDRÉA WAHLBRINK

¹Universidade de Caxias do Sul – jpedroni1@ucs.br

²Universidade de Caxias do Sul – nstecane@ucs.br

³Universidade de Caxias do Sul – awpsilva@ucs.br

1. INTRODUÇÃO

Muitas vezes, tratado de forma silenciada e hostilizada, o curso de Licenciatura em Pedagogia se sustenta por meio de estudantes e profissionais que marcham e lutam constantemente pelo seu reconhecimento e da pedagogia como ciência da educação, ante um sistema que desumaniza e que traz como solução para a educação nacional a escola-empresa, sem a presença de profissionais qualificados e valorizados, culminando com práticas desumanizadoras. É preciso rasgar, cortar, romper com a visão “descaracterizadora” que abraça, ou sufoca, a pedagogia.

Assim como há distintas versões da História ou da Sociologia, a Pedagogia também se veste de diferentes versões na sociedade. Há aquela que rege, da Pedagogia infantilizada, do cuidado materno, do recorte e da colagem, imposta de forma intencional por um sistema que a nega por medo da mudança social e da emancipação dos sujeitos. Há também a Pedagogia do sonho, da utopia, e não digo sonho e utopia de forma inalcançável, mas como aquilo que nos move, como um ato político necessário, como impulsionamento da mudança. (Freire, 1992). Esta, que fantasia a humanidade, a transformação social, o estatuto crítico e formativo da Pedagogia como ciência da educação. E, no hiato entre a realidade e a utopia, existe luta, existe esperança e existe sonho.

Assim, faz-se premente tomar o seguinte questionamento: se a Pedagogia, em sua mais intrínseca forma, é uma ciência da educação, com objetivos de emancipação e formação humana, como é possível fazer do sonho uma realidade em um sistema que é contrário a esses princípios ético-políticos? Essa, é uma das perguntas mobilizadoras do meu projeto de pesquisa: “A Pedagogia enquanto ciência crítica da transformação humana”, ancorado ao projeto “Experiências Formativas Entrelaçadas: do cotidiano da Educação Superior ao cotidiano da Educação Básica”, financiado pelo CNPq e orientado pela professora Nilda Stecanela e com coorientação da professora Andréa Wahlbrink.

Na busca dos resultados, o objeto de pesquisa tem se constituído a partir do encharcamento de leituras, em livros e artigos de autores ocupados em tematizar a pedagogia como ciência, como Selma Garrido Pimenta e José Leonardo Rolim de Lima Severo (2021); Paulo Freire (1997) e Dermeval Saviani (2014). Além disso, rodas de conversa e narrativas estão sendo tecidas, envolvendo a Coordenação do Curso de Pedagogia e as acadêmicas de uma Universidade comunitária.

Este trabalho, juntamente com a pesquisa, é uma declaração de luta, de sonho e de utopia. De luta pelos rasgos, cortes e furos na versão regente da Pedagogia, do sonho da Pedagogia enquanto ciência crítica da transformação humana e, da utopia, pelo que nos move, pelo impulsionamento da mudança.

2. METODOLOGIA

O trabalho, que ocupa sua etapa inicial, é uma pesquisa qualitativa de tessitura teórica e narrativas em uma pesquisa viva. Conta com objetos de leitura ancorados em livros e artigos de autores que tematizam a Pedagogia como ciência e narrativas de estudantes de uma Universidade comunitária, bem como da Coordenação do Curso de Pedagogia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Explicitar os resultados nesta fase da pesquisa talvez seja um equívoco de minha parte, entretanto, o que é possível discutir agora são as brechas por onde transitei e os achados parciais que encontrei. Em “Durante a construção da muralha”, Franz Kafka narra em seu conto que a construção da Muralha da China, feita para proteção contra os povos do norte, não ocorreu de forma contínua, foi feita partes por partes em regiões totalmente distintas. Consoante a isso, afirma que: “Sem dúvidas devem existir brechas que não foram absolutamente cobertas – para muitos, bem maiores que as partes construídas” (Kafka, 2002, p. 73) Assim, o que pode ser feito com estas brechas, cujo sonho ali se constitui?

Nesta mesma obra, o personagem escrito por Kafka conta que existe um comando supremo que determina, dita, manda. Com ele, também existe um princípio “tente com todas as forças entender as determinações do comando, mas até um certo limite, depois pare de pensar” (p. 80). Nesse sentido, é poderoso questionar: o que significa uma educação e uma pedagogia e, consequentemente, uma sociedade, que não para de pensar? Para Freire (1996), a resposta é uma educação crítica, ou seja, que impulsiona o pensar, é uma educação libertadora em que os educandos, providos de observação e criticidade, refletem o mundo e assim se tornam sujeitos ativos, lutando por condições melhores de vida e de existência, visando a transformação social. Pensar é transformar.

Isso redireciona o horizonte da educação, do fazer docente e, principalmente, da Pedagogia. Se a Pedagogia é a ciência que estuda o objeto educação, visando a formação humana, como poderia ela ser valorizada em um mundo que devemos tentar com todas as forças entender as determinações dos comandos, mas até um certo limite? A partir do momento que abraçarmos a Pedagogia do sonho, o que há hoje no sistema regente, neoliberal, que entende o lucro acima dos sujeitos e que afirma dia após dia comandos de desumanização, se esvai por entre os dedos como areia da praia.

Como há brechas na Muralha da China, também há brechas no comando. Saviani, em Pedagogia Histórico-crítica, afirma que a escola reproduz o Estado, pois a ele pertence.

Então, se a escola pública é mantida pelo Estado, se o Estado que está aí é o Estado capitalista, a escola só pode estar a serviço do capital. Se eu quero construir uma nova ordem que supere a sociedade capitalista, uma ordem que corresponda aos interesses dos trabalhadores, que são explorados pelo capital e, portanto, querem se libertar da dominação do capital, eu não vou poder fazer isso por meio das escolas. Daí, passou-se a valorizar o papel da educação popular, a educação dos grupos sociais, a educação informal. (Saviani, 2020, p. 7).

Concordante a Saviani, como anteriormente aqui descrito, o Estado prevê o capital e comanda a escola, entretanto, apenas aceita este discurso, este comando, e não pensar além pode ser uma armadilha para que paremos de sonhar e, conseqüentemente, para que não lutemos pela mudança. Dessa forma, mudar o Estado pode ser um sonho, mas um sonho ainda distante. De início, é possível agir pelas brechas, assim como na Muralha. Pelas brechas, pelos furos, rasgos, cortes, é possível afirmar nosso papel de transformação social problematizado por Freire. Papel esse que está conectado ao desenvolvimento da consciência crítica dos educandos, que refletindo sobre a sociedade, não parando de pensar nos comandos, tornam-se sujeitos ativos na mudança da realidade, sendo capazes de lutar pelo que acreditam e pela sua liberdade.

Estas brechas podem ser ou não ser tão grandes quanto as partes construídas. É preciso um olhar humanizado, uma pergunta problematizadora, um texto estimulante, um questionamento provocador para que nem nós, nem os educandos, nem nenhum sujeito, pare de pensar.

Por isso, afirmar a Pedagogia do sonho significa pensar, mudar e transformar. Em “Pedagogia: teoria, formação e profissão”, Selma Pimenta e José Leonardo Rolim de Lima Severo (2021), afirmam que a Pedagogia possui um princípio ético-político de educar para superar estruturas que atualizam sistemas de negação da condição humana. Pedagogia é pensar. Pedagogia é transformar.

4. CONCLUSÕES

A fim de tecer as conclusões, resgato a pergunta da introdução: se, a Pedagogia, em sua mais intrínseca forma, é uma ciência da educação com objetivos de emancipação e formação humana, como é possível fazer do sonho uma realidade em um sistema que é contrário a esses princípios ético-políticos? Mudar o sistema pode ser um sonho, um sonho distante, mas pode ser um sonho. Enquanto isso, começar por passos pequenos pode ser significativo, a areia da praia não se esvairá por entre os dedos de uma só vez, mas grãos e mais grãos podem fazer a diferença para que, um dia, pouco sobrar do punhado.

Como supostos estudos futuros, apresento a possibilidade de aprofundar como é possível rasgar a Pedagogia silenciada, infantilizada, do cuidado materno e do recorte e da colagem, para uma Pedagogia que quando pensada, seja de um campo do conhecimento sério, de ciência e de humanidade. Além disso, entender mais intensamente os significados de existir uma Pedagogia do sonho e da utopia, como também, analisar e compreender como o curso de Pedagogia de uma Universidade comunitária é sentido por suas acadêmicas.

Por fim, destaco que investigar esta temática é um suspiro de esperança para a transformação social e para uma população de profissionais desmerecidos, invisibilizados e descaracterizados. É fundamental uma Pedagogia politicamente engajada, uma Pedagogia que não para de pensar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KAFKA, Franz. **Narrativas do Espólio**. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

PIMENTA, S.G; SEVERO, J.L.L. **Pedagogia: teoria, formação, profissão**. São Paulo: Cortez Editora, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1996.

SAVIANI, D. (2020). A pedagogia histórico-crítica. **Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo Entre As Ciências**, 3(2), 11-36. Recuperado de <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rbba/article/view/1405>.